

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil. In: Jornadas de Historia de las mujeres, 8, Congreso Iberoamericano de Estudios de Género, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006. Diferencia, desigualdad: construirnos em la diversidad. *Atas...* Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2006 (CD-ROM).

Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva. Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC), Co-coordenadora do Programa de Estudos Medievais (Pem) – UFRJ; Pesquisadora do CNPq – Brasil

Os estudos medievais obtiveram um grande desenvolvimento quantitativo e qualitativo no Brasil nos últimos 16 anos. Contudo, a despeito do crescimento do medievalismo no país, ainda há muito caminho a ser percorrido. Dentre os diversos problemas a serem enfrentados, destaco o uso ainda recente, restrito e, em alguns casos, carente de rigor teórico-metodológico da categoria gênero nos trabalhos de Idade Média no Brasil. Acredito que para o crescimento dos estudos de gênero no campo da história medieval faz-se necessário ler criticamente o que já foi produzido e buscar um maior aprofundamento teórico e metodológico, através, sobretudo, de leituras, da experimentação de diferentes técnicas de análise dos documentos, e do diálogo com os especialistas, nacionais e estrangeiros, de diversos campos do conhecimento. Esse trabalho é uma contribuição nesse sentido.

O presente texto visa atualizar os dados e as conclusões de uma pesquisa elaborada no primeiro semestre de 2003 e publicada em 2004 na revista *Caderno Espaço Feminino*, da Universidade Federal de Uberlândia. Nesse texto, também intitulado *Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil*, a partir do levantamento e da análise de trabalhos historiográficos elaborados no campo da história medieval entre 1990 e 2006 e que empregavam o termo gênero, identifiquei as regiões do país e o momento em que tais estudos foram realizados, verifiquei se foram elaborados por pessoas isoladas ou por equipes, qual era a natureza destes trabalhos (artigos, monografias, dissertações, teses, projetos de pesquisa etc), quais as concepções de gênero e os teóricos que nortearam a elaboração de materiais.

Retomando o tema três anos depois, pretendo verificar se o panorama anteriormente levantado se mantém, bem como rever as conclusões então apresentadas. Assim, além das preocupações anteriores, é de meu interesse discutir quais foram as temáticas abordadas em tais trabalhos; qual o tipo de documentação que foi privilegiado nas investigações; quais foram os paradigmas que fundamentaram as reflexões, e quais as técnicas de análise aplicadas.

Para o levantamento dos dados analisados para a elaboração desse artigo, utilizei o catálogo de dissertações e teses sobre os estudos medievais no Brasil, que reúne informações sobre os anos de 1990 e 2002, e os boletins semestrais publicados pela *Associação Brasileira de Estudos Medievais* (Abrem), que congrega os medievalistas de todo o país, promove eventos acadêmicos, coordena pesquisas coletivas, e publica a revista *Signum*; os cadernos de resumos e as atas de eventos acadêmicos brasileiros referentes ao medievo, tais como as Semanas de Estudos Medievais, organizadas pelo Programa de Estudos Medievais (Pem) da UFRJ e os Encontros Internacionais de Estudos Medievais da Abrem; as revistas brasileiras

especializadas em história medieval, como a citada *Signum*, a *Mirabilia*, e a *Brathair*, e nos estudos de gênero e na história das mulheres, como a *Revista Estudos Feministas* e o *Caderno Espaço Feminino*; informações variadas disponíveis na *internet*; os materiais enviados através das listas de discussão acadêmicas mantidas pelo Pem e pela Abrem, a *Plataforma Lattes* e o *Directorio de Grupos de Pesquisa*, bases de dados *on line* do *Conselho Nacional de Pesquisas* (CNPq), órgão do Ministério de Ciências e Tecnologia. Face a natureza desse texto, não vou apresentar todos os dados levantados de forma detalhada, mas um quadro geral dos estudos.

Antes de apresentar os dados, uma advertência faz-se necessária. Muitos textos sobre História Medieval elaborados no Brasil empregam o termo gênero, contudo o fazem como sinônimo de sexo ou de mulher. Também há um grande número de publicações e pesquisas no campo da história das mulheres na Idade Média, mas que não usam sequer o termo gênero. Esses trabalhos não foram incluídos em nossa análise. Restringi o meu escopo aos trabalhos que empregam o termo gênero de duas formas principais: como um conceito, definindo-o como as relações sociais entre homens e mulheres ou, como as diferenças culturais sobre o que é considerado feminino ou masculino, mas assentadas nas diferenças biológicas e pautado no paradigma iluminista; como uma categoria de análise sem uma "essência fixada", variando no espaço e no tempo, fundamentada no pós-modernismo. Esses usos diversos do termo gênero apontam para os diferentes paradigmas adotados nas pesquisas, ainda que nem sempre de forma consciente pelos pesquisadores.

É possível, apesar dos meus esforços, que eu não tenha conseguido reunir todos os trabalhos elaborados por historiadores no Brasil utilizando a categoria/conceito gênero no período de 1990 ao primeiro semestre de 2006, mas os dados coletados representam, sem dúvidas, uma amostragem significativa.

Encontrei informações sobre 1 tese de doutorado concluída, 2 em andamento, 4 dissertações de mestradados finalizadas e 2 em elaboração, 4 monografias de fim de curso e 1 em desenvolvimento; 3 projetos de pesquisa; 12 artigos, e 12 trabalhos publicados em anais. Em alguns casos tive acesso aos textos completos, em outros aos resumos ou somente às referências. Também encontrei dados sobre comunicações apresentados em eventos, mas me detive somente na análise dos materiais já publicados e nos trabalhos de conclusão. Os primeiros textos datam de 1995, mas há um visível crescimento da produção a partir de 2001; cerca de 80% dos trabalhos foram elaborados a partir desse ano.

A maioria dos textos publicados mantém uma estreita ligação com os trabalhos de conclusão nos diferentes níveis, apresentando reflexões parciais ou finais dessas investigações. Entretanto, muitos desses trabalhos não foram orientados por professores que desenvolvem pesquisas em que o conceito/categoria gênero é empregado.

Os materiais reunidos são da autoria de 15 pessoas, em diferentes níveis de formação. Ou seja, há, entre os autores, doutores, doutorandos, mestres, mestrandos, bacharéis em História e graduandos aplicando o conceito/ categoria gênero na elaboração de suas pesquisas históricas. Desses 15 estudiosos, 10 declaram que a história medieval é uma de suas áreas de atuação; 1 também aponta, como área de atuação, a história das mulheres, 1, a história das relações de gênero e 3, os estudos de gênero.

Face ao artigo publicado em 2004, encontrei referências de trabalhos elaborados por 7 novos pesquisadores. Destaco, também, que dentre os 8 autores citados no artigo anterior, 4, no momento, não pesquisam sobre o medievo e/ou não empregam o conceito/categoria gênero em suas reflexões atuais. Por outro lado, dentre os 15, alguns são autores de mais de um trabalho, inclusive os de conclusão em

mais de um nível, o que já configura uma especialização a médio prazo, unindo os estudos medievais quanto aos de gênero.

Quanto às temáticas, salvo três textos que tratam de questões mais teóricas e historiográficas, todos estudam o período que se convencionou denominar de Baixa Idade Média, em especial os séculos XII, XIII e XIV. Os espaços privilegiados são as penínsulas Ibérica e Itálica. Um pesquisador deteve-se no estudo do Sacro Império Romano Germânico e outro na região denominada atualmente como França. No tocante às fontes, 1 pesquisador analisou somente textos historiográficos contemporâneos; 2, textos jurídicos laicos; 1, os *fabliaux*, contos narrativos cômicos dos séculos XIII e XIV; 1, *Parzival*, um romance de cavalaria de autoria de Wolfram von Eschenbach, e 10, textos eclesiásticos diversos, em especial normativos e hagiografias. As principais temáticas estudadas são sexualidade, casamento, adultério, santidade, representações da mulher e construção de identidades.

No que concerne à vinculação acadêmica, há uma concentração de autores ligados a UFRJ, que formou e/ou agrega 10 dos pesquisadores mencionados. Essa vinculação dá-se através do Pem, que mantém, na linha de pesquisa Hagiografia e História, que coordena, pesquisas que empregam a categoria gênero. Mesmo os 2 pesquisadores que atualmente complementam a sua formação acadêmica em outras universidades, participam como colaboradores do referido projeto. Os demais autores encontram-se vinculados a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) e Universidade de Brasília (UNB).

Quanto à opção teórica, 12 autores vinculam explicitamente suas reflexões aos paradigmas pós-modernos e utilizam as obras de Joan Scott e/ou Jane Flax como principais referenciais teóricos. A maioria quase absoluta desses autores possui vinculação com o Pem. Em um autor, a obra de Scott é citada, mas interpretada a partir do paradigma iluminista. Os demais autores citam Kaplish-Zuber, autora muito conhecida no Brasil por ser a organizadora do volume dedicado ao medieval na coletânea *História das Mulheres*, dirigida por Duby e Perrot, a teórica Andréa Maihofer, diretora do *Centro de Estudos de Gênero (Zentrum Gender Studies)* da *Universidade da Basileia*, Suíça, e a antropóloga francesa Françoise Héritier, que elaborou uma análise sobre a relação entre o masculino e o feminino, conhecida como "valência diferencial dos sexos". Entre as técnicas e metodologias adotadas, destacam-se diversas modalidades de análise do discurso e os estudos comparativos.

Além das publicações, outros dados permitem avaliar o crescimento dos estudos medievais empregando a categoria /conceito gênero no Brasil. Um deles é o registro, no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, de 3 grupos que estudam o medieval empregando o conceito/categoria: o já citado Pem; o *Brathair- Grupo de Estudos Celtas e Germânicos*, liderado pela Prof.a Dr.a Adriana Maria de Souza Zierer, da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), e que possui, entre suas linhas de pesquisa, a intitulada *Poder e relações de gênero nas sociedades celtas e germânicas*, e o *História Comparada das Relações de Gênero*, criado no âmbito da UFRJ como um campo de exercício de experimentação comparada do PPGHC. Esse último grupo é coordenado pela Prof.a Dr.a Marta Mega de Andrade, especialista em História Antiga, e agrega medievalistas, especialistas em História Antiga e em Teoria da História. Dele participam alguns dos pesquisadores vinculados ao Pem.

Também destaco o estabelecimento, como área temática de orientação em nível de pós-graduação, dos estudos medievais de gênero. No PPGHC, em que atuo, oriento os interessados em pesquisar as construções de gênero presentes nas penínsulas itálica e ibérica nos séculos XI ao XIII. No Programa de Pós-graduação em História da UFG, a Prof.a Dr.a Dulce Oliveira A. dos Santos, uma das primeiras a utilizar

o conceito gênero nas pesquisas sobre o medievo no Brasil, também orienta pesquisas no campo da História das Mulheres e das Relações de Gênero.

Por fim, como últimas iniciativas, destaco a oferta do mini-curso *Aproximações historiográficas ao medievo: teorias, métodos e técnicas da história das mulheres e dos estudos de gênero* no I Encontro de História Antiga e Medieval do Maranhão, realizado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) em 2005, e a organização do Simpósio temático *Fazendo gênero e rompendo fronteiras: gênero, idade média e interdisciplinaridade*, pelos professores doutorandos Valéria Fernandes da Silva e Marcelo Pereira Lima e por mim, que foi realizado em agosto de 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Fazendo um balanço dos dados encontrados, posso apontar que, a despeito do grande avanço dos estudos medievais nos últimos anos, ainda são poucos os trabalhos que usam, de forma sistemática e rigorosa, a categoria/conceito gênero. Pelos dados inventariados, que representam uma amostragem quantitativa e qualitativa do que vem sendo pesquisado no Brasil, podemos atestar que as pesquisas ainda são pontuais. Uma tendência observada em 2003 se mantém: muitos dos materiais produzidos são trabalhos de conclusão - monografias, dissertações e teses - ou textos diretamente ligados a esses, realizados como etapas da formação intelectual e nos quais há, efetivamente, a motivação para estudar temáticas ainda pouco desenvolvidas e/ou aplicar teorias e métodos ainda não estabelecidas. Apesar de muitos destes trabalhos já ganharem visibilidade nacional, pois suas conclusões parciais ou finais foram apresentadas em eventos acadêmicos ou publicadas em periódicos de circulação nacional ou na *internet*, poucos ultrapassaram as fronteiras nacionais. Além disso, justamente pelo caráter de trabalho de conclusão, muito de seus autores, posteriormente, optaram por novas temáticas e/ou outras referências teóricas e conceituais. Mas nos últimos anos uma nova tendência aparece: pesquisadores que apresentam uma produção regular no campo da História Medieval aplicando a categoria gênero.

Outro dado a destacar é o crescente rigor teórico-metodológico. Como em 2003, nestas investigações Joan Scott apresenta-se como a teórica mais influente. Vários textos citavam seu artigo "Gênero: uma categoria útil para a análise histórica". Esse fato pode ser explicado pelo fato dela ser uma historiadora e ter sido uma das primeiras autoras a refletir, de forma sistemática, sobre o uso da categoria gênero nas investigações históricas. Nos trabalhos mais recentes, porém, outros textos de sua autoria aparecem citados, assim como outros teóricos, como Jane Flax.

Sublinha-se que quanto maior é a vinculação do investigador a um grupo de pesquisa, mais constante é a sua produção e menor é a oscilação teórica entre os estudos de gênero de matriz sociológica e os de caráter filosófico e literário. Essa oscilação teórica foi encontrada, sobretudo, nos textos dos autores que não mantiveram uma produção regular empregando a categoria/conceito gênero. Nesses casos, é evidente a influência da historiografia francesa, funcionando como um verdadeiro filtro para a leitura, por exemplo, de Joan Scott.

Essa constatação vincula-se a outra. Se em 2003 verifiquei que a maioria das pesquisas foi desenvolvida por pesquisadores isolados e dispersos espacialmente, uma característica que então se delineava, reafirmou-se: o Pcm da UFRJ é o núcleo que concentra o maior número de autores, 10 dentre os 15, cuja produção e perfil foram objeto de investigação, ainda que não se configure como um centro específico para os estudos medievais de gênero. Acredito que, por um lado, trata-se de um fenômeno positivo, já que os trabalhos desenvolvidos nesse grupo possuem uma aproximação temática e são realizados em um ambiente de constante diálogo teórico-metodológico. Por outro, esse parece ser, no momento atual, o único núcleo organizado no Brasil a

desenvolver estudos de gênero tendo como campo exclusivo a História Medieval, o que reafirma o caráter pontual dessas pesquisas.

Como explicar o persistente desinteresse dos historiadores brasileiros dedicados ao estudo da Idade Média pelo uso da categoria gênero? Em primeiro lugar, destaco o próprio caráter ainda marginal, a despeito do crescimento, dos estudos medievais em muitas universidades do país, sobretudo nas privadas. Mantendo os velhos argumentos de que no Brasil não houve Idade Média, ou que não há documentação e bibliografia disponíveis para a realização de pesquisa, muitos historiadores desqualificam as pesquisas desenvolvidas sobre o medievo no Brasil. As próprias dificuldades inerentes à formação do medievalista nacional também levam a que muitos desistam da pesquisa em História Medieval e optem por outros períodos históricos.

Em segundo, o fato dos estudos de gênero estarem ainda associados, mesmo nos meios acadêmicos, aos movimentos feministas ou de homossexuais, e não serem vistos como uma opção teórica. Por outro lado, questiona-se a aplicabilidade desta categoria para compreender as sociedades medievais, pautando-se, sobretudo, no caráter relacional dos estudos de gênero e na ausência de documentação em que a voz feminina possa ser ouvida. Além disso, muitos confundem os estudos de gênero com a história das mulheres, o que restringe a escolha dos objetos e leva às inconstâncias teóricas já citadas. Tal como afirmam Jane Flax e Joan Scott, o gênero é um saber que dá significado às diferenças sexuais, mas também é uma relação primária de poder que está presente em todos os aspectos da experiência humana, constituindo-os, ainda que parcialmente, e portanto, possível de ser analisado a partir de qualquer vestígio do passado.

Em terceiro, destaco a profunda influência dos trabalhos dos medievalistas franceses na produção brasileira. Já é possível encontrar, em alguns textos nacionais, reflexões e citações de trabalhos de medievalistas anglo-saxões que utilizam a categoria gênero em suas pesquisas, como Ruth Karras, Catharine M. Mooney ou Sarah Salih, sobretudo entre os autores vinculados ao Pem. Entretanto, grande parte dos trabalhos desenvolvidos no país repousa suas reflexões em obras como as de George Duby, *O cavaleiro, a mulher e o padre, Idade média, idade dos homens, Eva e os padres, Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. Tais estudos não questionam as categorias de mulher e homem culturalmente construídas e privilegiam o estudo das mulheres e do feminino, em abordagens generalizantes e descritivas, o que é rejeitado pelos estudos de gênero. Como os estudos de gênero de matriz pós-modernista não receberam grande acolhida na França, os medievalistas franceses elaboram, sobretudo, trabalhos de História da Mulher, como um campo da História Social ou da História do Imaginário.

Os dados levantados e analisados neste texto permitem afirmar a importância da criação e/ou consolidação de núcleos de pesquisa que estimulem o diálogo, o aprofundamento das reflexões teórico-metodológicas no que se refere ao medievalismo e aos estudos de gênero e que motivem a produção acadêmica regular. Também faz-se estratégica a promoção de atividades de divulgação, como palestras e mini-cursos, e a participação dos pesquisadores como comunicadores em eventos específicos tanto sobre o medievo quanto sobre o gênero, a fim de buscar a superação de preconceitos e estimular novas pesquisas. Por fim, destaco a relevância da leitura e análise das obras historiográficas já produzidas, visando detectar os problemas teórico-metodológicos e identificar as temáticas ainda não exploradas.

Concluindo, quero sublinhar que há um grande campo para os estudos medievais no Brasil e o emprego da categoria gênero poderá revolucionar as pesquisas. Pautando-se no estudo do qualitativo e do particular, valorizando a perspectiva do investigador e o trabalho analítico, dialogando com os especialistas estrangeiros, os estudos de gênero podem ser desenvolvidos no Brasil e ganhar

respeitabilidade internacional a despeito das muitas dificuldades que se impõe aos medievalistas em nosso país.